



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

PEDRO CARLOS NASCIMENTO DA SILVA

O ESPAÇO URBANO DE ESPERANÇA: Um olhar geográfico

**CAMPINA GRANDE-PB
2011**

PEDRO CARLOS NASCIMENTO DA SILVA

O ESPAÇO URBANO DE ESPERANÇA: Um olhar geográfico

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Daniel Campos Martins

CAMPINA GRANDE-PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586e Silva, Pedro Carlos Nascimento da.

O espaço urbano de esperança [manuscrito]: um olhar geográfico / Pedro Carlos Nascimento da Silva. – 2011.

18 f.: il.color.

Digitado.

Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Secretária de Educação à distância - SEAD, 2011.

“Orientação: Prof. Esp. Daniel Campos Martins”.

1. Urbanismo. 2. Centro Urbano - Esperança. 3. Espaço urbano.
I. Título.

21. ed. CDD 711

PEDRO CARLOS NASCIMENTO DA SILVA

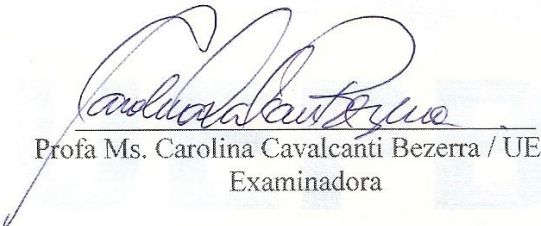
O ESPAÇO URBANO DE ESPERANÇA: Um olhar geográfico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

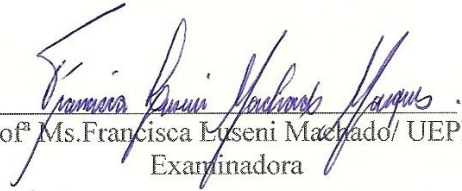
Aprovada em 23/11/2011.



Profª. Esp. Daniel Campos Martins / UEPB
Orientador



Profª Ms. Carolina Cavalcanti Bezerra / UEPB
Examinadora



Profª Ms. Francisca Luseni Machado / UEPB
Examinadora

O ESPAÇO URBANO DE ESPERANÇA: Um olhar geográfico

Pedro Carlos Nascimento da Silva¹

RESUMO.

O presente artigo investigou a apreensão dos processos de produção e reprodução do espaço urbano – centro de Esperança – na Paraíba. Partindo da concepção da categoria espaço à luz da evolução das correntes geográficas, do século XIX até à contemporaneidade, que concebe essa categoria com vários significados em seus vários momentos. Assim, chegou-se ao espaço urbano de Esperança, que se abordou através de observações do mesmo e de seus elementos que a compõem e dinamizam numa relação dialética. A presente pesquisa ancorou-se em teóricos como Corrêa, Gomes, Santos e outros. Desta maneira, verificou-se os processos de produção e reprodução do espaço – centro urbano de Esperança – com seus agentes, ou seja, suas técnicas e ações que permitiram a dinamização e formação do centro urbano de esperança no que concerne os pressupostos teóricos a caracterização da categoria espaço urbano.

PALAVRAS- CHAVES: Espaço urbano; Agentes; Produção; Reprodução.

ABSTRACT.

This article has investigated the seizure of the processes of production and reproduction of urban space – center of Esperança – Paraíba. Starting from the conception of space category in the light of changing geographical currents of the 19th century until the present, which makes this category with several meanings in their various times. Thus, came the urban space of Esperança, that if approached through observations of the same and their elements that composes and streamlines a dialectical relationship. This research anchored in theorists as Corrêa, Gomes, Santos and others. This way, the processes of production and reproduction of space – urban center of Esperança – with its agents, i.e., its techniques and actions that allowed the dynamization and formation of the urban center of Esperança regarding the theoretical assumptions the characterization of urban space category.

KEYWORDS: Urban space; Agents; Production; Reproduction.

¹ Graduado em licenciatura Geografia pela UEPB.

1. INTRODUÇÃO.

O interesse deste artigo é apreender a dinâmica do espaço urbano do centro urbano de Esperança na Paraíba. Constatando o rápido crescimento que vem ocorrendo no mesmo, caracterizado pelas grandes mudanças, que as estruturas urbanas vêm passando, que talvez em alguns pontos, este, ultrapasse os padrões de crescimento urbano de cidades de igual porte.

Deter-se nas mudanças que ocorreram nos últimos anos, embora, se tratando de processos espaciais, seja difícil delimitar o tempo, pois muitas vezes os processos atuais que estão ocorrendo no espaço urbano correlacionam-se com outros mais antigos. Tentaremos caracterizar a categoria espaço à luz da evolução do pensamento geográfico, passando pelos os três grandes momentos do desenvolvimento do mesmo na geografia. Caracterizaremos a categoria espaço urbano dentro dos processos e técnicas que a compõem para assim chegarmos ao contexto do centro comercial de Esperança.

Na conceituação do espaço urbano do centro urbano de Esperança, partiremos com olhar voltado para a atualidade num contexto local para mostrar a dinâmica do mesmo. Pretende-se partir de determinações abstratas para construirmos o concreto, ou seja, a partir do pensamento de alguns teóricos a respeito da conceituação da categoria espaço, espaço urbano, como Corrêa, Gomes, Douglas Santos, Milton Santos e outros, cada um com sua contribuição ao nosso trabalho, podemos abstrair uma realidade concreta do espaço urbano em questão.

Apresenta-se o trabalho através do modelo dedutivo, em que analisaremos a organização do centro urbano de Esperança no que concerne às teorias e leis consideradas gerais e universais para explicarmos as ocorrências de tais fenômenos particulares. Buscaremos tais pressupostos em uma pesquisa bibliográfica que nos informe as características do processo de produção desse espaço, pois a disponibilidade de um arcabouço teórico nessa área pode nortear nossa pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A categoria espaço: Uma breve descrição.

A categoria espaço é parte da ciência geográfica e, como podemos observar, a ciência geográfica possui várias categorias específicas para analisar os fenômenos geográficos presente na natureza e na sociedade, como ressalta Corrêa (2010).

Como toda ciência a geografia possui alguns conceitos-chaves, capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere à geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social a geografia tem como objetivo de estudo a sociedade via cinco conceitos-chaves que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território (CORRÊA, 2010, p.16).

Tais conceitos acima citados têm sido amplamente debatidos por várias correntes de pensamentos diferentes, mas Corrêa (2010) ressalta que esse debate é calcado em cima de vários conflitos e divergências conceituais que, no entanto, esses embates conceituais servem para aproximar as teorias sobre o tema. Também Milton Santos (2009, p.20) ressalta que “[...] é a partir do espírito de sistema que emergem os conceitos-chaves que, por sua vez, constituem uma base para a construção, ao mesmo tempo, de um objeto e de uma disciplina”.

Assim, pelo que se vê, faz-se necessário conceituar a categoria espaço para criar, construir um objeto para qual nosso trabalho se propõe. Mas o quanto é difícil definir uma categoria. Com tantos exemplos, sem uma definição clara e, com a rapidez da qual tais exemplos sobre a temática se esgota à luz da evolução da ciência geográfica (CORRÊA, 2002). Em ambas as ideias observa-se, que a categoria espaço é complexa, pois é uma construção abstrata da ciência geográfica e, porque não dizer da ciência moderna. Tal construção se fundamenta na própria cultura do homem na linha do tempo. Como Douglas Santos (2002) afirma.

O que pensamos de espaço jamais poderá ser compreendido sem que se reflita sobre o próprio movimento que cria, recriar, nega e, pela superação, redefine a espacialidade dos próprios. Espaço e tempo, considerados aqui como as categorias básicas da ciência moderna, são, na verdade, redimensionados na medida em que as sociedades se redimensionam (SANTOS, 2002, p.23).

Culminando com tais ideias, Corrêa (2010, p.17) descreve a categoria espaço em três momentos diferentes na ciência geográfica. Primeiro na geografia tradicional, depois na geografia “denominada revolução teórico-quantitativa” e seguindo até a geografia atual do “materialismo histórico e dialético”. Desse modo, descreve-se a categoria espaço na gênese e na evolução do pensamento geográfico.

A expressão geografia tradicional é o momento em que a geografia torna-se uma disciplina institucionalizada nas universidades europeias, a partir de 1870 até à primeira metade do século XX e, é marcada pela compartimentação do saber geográfico. Como

aponta Corrêa (2010). A categoria espaço na geografia tradicional não é um conceito-chave, é secundário em detrimento a diversos conceitos como; paisagem e região. Desta forma, Corrêa (2010, p.17) diz que “[...] o espaço, em realidade, não se constitui em um conceito-chave na geografia tradicional”.

Nessa linha de pensamento o autor traz a visão de espaço Hartshorniana, no bojo da geografia tradicional, apontando que tal visão aparece de forma implícita, em secundário o espaço é tratado como que existe por si próprio, não depende das coisas para existir, ou seja, não precisa da experiência, das relações entre as coisas para existir, ele é absoluto. Deste mesmo modo, ressalta Douglas Santos (2002, p.181) comentando Kant a respeito da categoria espaço, esse também influenciou Hartshorne: “O fundamento é que o espaço tornará aqui sua dimensão absoluta, uma vez que pode ser representado independente da existência de objetos”.

A conceituação acima resumida é parte de interesse do nosso trabalho, para que entendamos mais adianta a ideia de espaço de que ocupara-se a pesquisa.

No segundo momento, como a ciência geográfica apresenta a categoria espaço, corresponde à grande transformação que a geografia passou na segunda metade do século XX, se tornando uma ciência baseada no “positivismo lógico, na revolução teórica-quantitativa” (CORRÊA, 2010, p.22).

Nesse momento do desenvolvimento do pensamento geográfico utilizou-se o modelo de universalização de procedimentos e unicidade das ciências naturais como método, ou seja, “Como as ciências humanas estavam ainda num estágio de desenvolvimento muito inferior ao das naturais- as quais já tinham suas bases e métodos consolidados- passaram a adotar os mesmos procedimentos metodológicos de análise”. (CAMARGO, 2007, p.86). E o modelo quantitativo matemático, com seu rigor e objetividade, vinculando se a prática dos sistemas de planejamento, que “veio conferir ao pensamento do humano os predicados da exatidão e neutralidade (CAMARGO 2007, p.86). Nesse sentido, ressalta Corrêa (2010, p.22), calcado em alguns contemporâneos da época, que “o espaço aparece, pela primeira vez na história do pensamento geográfico, como o conceito-chave da disciplina”. Textualmente, afirma Gomes (2007) que a nova geografia, isto é, o novo paradigma que a revolução teórica trouxe para a geografia, é que, “ A região não é mais vista como uma unicidade territorial; ela é concebida como uma classe espacial que faz parte de um sistema hierarquizado. “[...], a

geografia abandona a noção de lugar pela concepção de espaço” (GOMES, 2007, p.270). Assim, os conceitos de paisagem, região, lugar e território ficam em plano secundário, terciário na geografia teórica-quantitativa.

Segundo Corrêa (2010), essa corrente considerava o espaço sob duas formas; a planície isotrópica e a sua representação material, ambas estão interligadas. Desta forma, o que concerne esse conceito de espaço é uma construção teórica em que o espaço é formado de lugares iguais, uniformes, tanto, no aspecto morfológico, quanto, na composição de elementos naturais e culturais humanos, ou seja, os elementos matriciais. Neste sentido Douglas Santos ressalta que.

É o espaço isotrópico, infinito, vazio. E as grandes navegações e descobertas trazem-no para o chão da esfera terrestre, preenchem de substância humana seu receptáculo oco e anunciam a construção técnica das grandes arrumações geográficas das sociedades modernas. (SANTOS, 2002, p.10).

Nessa citação de Douglas Santos sobre o espaço isotrópico, percebe-se a materialização do modelo quantitativo-matemático e a relação com a descrição da planície isotrópica de Corrêa (2010), em que as ideias de espaço infinito, vazio se assemelham à de lugares iguais e o preenchimento de substâncias humanas, nos seus receptáculos à suas representações matriciais. Também é nessa concepção de espaço que nascem os conceitos “centro-periferia”, tanto em escalas locais como nacionais, e internacionais. Corrêa (2010).

Sobre este conceito de espaço desenvolve-se a noção de espaço relativo. Tal noção considera o corte espacial e as escolhas dos objetivos e de suas finalidades. Nesse sentido diz Gomes que

Um espaço relativo, no qual a localização depende do gênero de coordenadas escolhidas. A escolha é também relativa aos objetivos de cada pesquisa e não há, em princípio, um sistema de coordenadas melhor do que os outros; tudo depende da finalidade do trabalho (GOMES, 2007, p.259).

E por fim o conceito de espaço na geografia crítica. A geografia crítica desenvolve-se a partir da década de 1970 à luz do materialismo histórico e na dialética, trazendo no bojo da corrente em questão, as discussões entre os geógrafos marxistas e os não marxistas, o relacionamento, o rompimento com a geografia tradicional e com a teórica-quantitativa, (CORRÊA, 2010).

Também no que concerne essa teoria tem-se a preocupação como o conceito de espaço. Vários geógrafos da corrente crítica discutem a espacialidade geográfica à luz da teoria marxiana, pois segundo esses geógrafos essa teoria da espacialidade marxiana teria sido interpretada incorretamente. (CORRÊA, 2010).

Segundo Corrêa (2010) com o advento da crise do capitalismo na década de 1970 e com a necessidade de controle das relações de produção e reprodução do espaço é que emerge a análise marxista sobre o espaço. Nessa concepção o espaço não é absoluto, nem um produto acabado da sociedade, segundo Santos (2008, p.49) “[...] o espaço é teatro de fluxos com diferentes níveis, intensidades e orientações.” Isto é, o espaço na geografia crítica se configura no local das relações e técnicas de produção e reprodução do mesmo.

De tal forma, afirma Corrêa (2010, p.26), “o espaço é concebido [na corrente geografia do materialismo-histórico e dialética] como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade”.

É importante destacar, no entanto, que apesar das rupturas de paradigmas destas correntes na conceituação da categoria espaço, muitas vezes, se inter-relacionam na evolução do pensamento geográfico descrito, porém o enfoque desse trabalho será orientado pelo estudo da corrente geográfica materialismo histórico e dialético, isto é, pela a geografia crítica, porém muitas vezes vai-se relaciona com as outras correntes.

2.2 A produção do espaço urbano

Em termos gerais, o espaço urbano é aquele produzido pela sociedade, contrário ao espaço natural, em que reúne um conjunto de usos de uma determina área criando, transformando o espaço urbano como ressalta Andrade.

O processo de produção do espaço [urbano] é , conseqüentemente em ação e permanentemente em reformulação. Em sendo dinâmico é também dialético, de vez que a evolução da sociedade e a ação do Estado que a representa não se procedem de forma linear, mas sofrem contestações, contradições que reformulam os princípios e as ações (ANDRADE, 1984, p.17).

Nesse sentido, pode-se identificar os agentes sociais que produzem o espaço urbano, dentro dos quais estão os dois acima citados, são eles que desempenham o

processo de produção do espaço urbano, o estado, os grupos sociais, os promotores imobiliários, os proprietários fundiários e os proprietários dos meios de produção, tais como os grandes industriários, assim, formando toda a dinâmica, a dialética da produção do espaço urbano em que todos esses agentes estão em constantes atividades, reformulações de sua metas para alcançarem seus objetivos, Nesse contexto ocorre várias estratégias para a produção e ocupação do espaço urbano, em que tais estratégias são permanentemente reorganizadas de acordo com os novos anseios, necessidades, jogos desses agentes.(CORRÊA, 2010).

Assim, sua caracterização dar-se pelas relações de seus agentes produtores e que dessa produtividade surge diversas contradições e interesses antagônicos entre todos os segmentos da sociedade que o habitam, assim, “deve sua desordem principalmente ao fato de que nele se cruzam uma multiplicidade de redes e territórios que não permitem definições ou identidades claras”.(HAESBAERT, 2010, p.186).

Mas só com o advento do capitalismo e da Revolução Industrial é que o espaço urbano ganhou essas configurações do mundo globalizado. (SANTOS, 2008). Desta forma, as relações dos agentes produtores dos processos espaciais acabam por reproduzir um novo espaço urbano a cada momento, isto é, o espaço urbano sempre está em transformação formando vários outros subespaços dentro do espaço maior, ou seja, globalizado. (SANTOS, 2008). Como as áreas centrais, as áreas secundárias, as áreas especializadas, as áreas de segregação sociais, áreas cristalizadas. (CORRÊA, 1995).

Tais agentes produtores e reprodutores do espaço urbano estão imbuídos de técnicas para produzirem o espaço e, vai depender do tipo de sociedade para se saber que técnicas são necessárias. Como afirma Santos (2008, p.57), “ em qualquer que seja a fração do espaço, cada variável revela uma técnica ou um conjunto de técnicas particulares”. Ou seja, cada espaço diferente usa técnicas diferentes.

3. O ESPAÇO URBANO DE ESPERANÇA

O município de Esperança localizado na mesorregião do Agreste paraibano é um polo urbano, em que poliniza as cidades as cidades circunvizinhas se configurando na microrregião de Esperança. Também se tornando atrativa para diferentes atividades, portanto, merecedora de uma análise para melhor compreendê-la dentro da nova realidade que a compõe e a dinamiza. Partindo de uma investigação hipotética e do

corde metodológico, o centro urbano de Esperança, extrai-se que não se pretende exaurir o objeto em estudo. Nesse sentido, afirma Bernardes.

Na hipótese, que é uma resposta a *priori*, está o começo, o ponto de partida para a explicação, o ponto a partir do qual se desenvolvem as restantes determinações. É a hipótese o que de fato permite orientar a investigação, devendo-se considerar que uma hipótese não validada também constitui algo importante, porque no processo de pesquisa podem surgir novas formulações a partir de novos graus de evolução do fenômeno e de sua capacidade de produzir novas qualidades, já que a realidade é dinâmica e está em constante movimento (BERNARDES, 2010, p.240).

Assim, situa-se a localização geográfica do município de Esperança para ser mais precisa, objetivando uma maior clareza do mesmo. Tem-se na figura 1 o mapa da Paraíba e suas quatro mesorregiões, respectivamente, e suas vinte e três microrregiões. Dentro das quais tem-se o município de Esperança (nº12) que representa a microrregião de Esperança. Veja figura 1.



Mapa da Paraíba. Fonte: historiadaparaiba.blogspot.com Acesso em 18 nov. de 2011

Alguns pressupostos históricos faz-se necessário na caracterização do município, principalmente, quando se busca nela a formação do espaço urbano com os processos de desenvolvimento no decorrer do tempo, porém não se deterá num aprofundamento da mesma. Busca fatos para entender a forma como os mesmos ajudaram no processo do desenvolvimento urbano do município.

Portanto, faz-se um breve levantamento histórico do município, a fim de que se possa perceber o processo histórico do mesmo.

Para compreender-se o processo de ocupação e produção do espaço do município de Esperança remonta-se a épocas remotas. Onde é hoje localizado o atual município de Esperança foi habitado pelos índios Cariris, em que esses construíram um reservatório de água, denominado posterior de “Tanque de Araçá” pelos colonos que foram “atraídos” pelo o mesmo, assim, forçando os índios a se retirarem do local.

O colono português Marinho Barbosa apossando das terras da redondeza, onde hoje encontra se atual cidade, construiu uma casa no local denominando a região de “Beleza dos Campos”. Tal colono abandonou as terras da região anos depois e, em seguida chegaram três irmãos também portugueses, que construíram suas casas de taipa no atual centro urbano do município.

Outro fato histórico dessa época, é que a primeira missa foi celebrada em uma dessas casas pelo Frei Venâncio, constituindo-se uma característica de ocupação como foi em todo país. Já em 1860 o município se chamava “Banabuê” e tem-se a fundação da capela Nossa Senhora do Bom Conselho. Posteriormente o município tem seu nome mudado para “Esperança” pelo padre Ibiapina.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), no recenseamento de 1 de Setembro de 1920 o município se configurava como distrito do Município de Alagoa Nova, só sendo elevado a categoria de município no ano de 1 de Dezembro de 1925 pela lei estadual nº 624, assim, desmembrando-se de Alagoa Nova. Desta forma, Milton Santos comenta ao falar da gênese do espaço urbano.

Da mesma forma que nos países industriais, o sítio é responsável por inúmeras circunstâncias da vida e da evolução urbanas, bem como da paisagem propriamente dita. Depende da história, uma vez que sua escolha se prende, geralmente, à função inicial, isto é, à atividade que fez nascer o organismo urbano. (SANTOS, 2008, p.202).

Assim, tem-se os primeiros agentes sociais produtores do município de Esperança, portanto, caracterizado como um espaço indiferenciado, por falta das técnicas atuais de produção e reprodução dos espaços capitalistas. (ANDRADE, 1984).

Desta maneira, evidencia-se a importância dos fatos históricos na evolução e formação do espaço geográfico, para se chegar aos atuais. Como afirma Milton Santos (2008):

[...] período histórico como algo que pode ser definido como um sistema temporal coerente, cuja explicação exige que sejam levadas em conta as características atuais dos sistemas técnicos e as suas relações com a realização histórica. É evidente que a técnica está longe de ser uma explicação da história, mas ela constitui uma condição fundamental (SANTOS, 2008, p.10).

Dentro do estudo dos objetos geográficos tem-se a cidade com todo o arcabouço que a compõe e a dinamiza. Ou seja, a sua composição de objetivos físicos imóveis, mas também seus objetos móveis como as ações projetadas nos objetos imóveis. Assim, afirma Milton Santos (2009, p.72). “Os objetos que interessam à geografia não são apenas objetos móveis, mas também imóveis, tal uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos”.

Desta forma, o objeto geográfico em investigação e os agentes que a compõem são um recorte metodológico, pois é a partir dos elementos internos em movimento que se conhece a realidade empírica. Como afirma Bernardes.

A realidade não é um todo já acabado. O conhecimento de uma fração da realidade supõe, do ponto de vista metodológico, o conhecimento de suas fontes internas de desenvolvimento e movimento e de sua evolução histórica até o momento que sua origem deseja analisar (BERNARDES, 2010, p.250).

Acredita-se que o centro urbano de esperança, por mais que pareça um espaço longe dos centros urbanos de decisões, de grandes transformações urbanas, observadas em escalas nacionais e mundiais, como as grandes metrópoles, esse espaço não parece estar isolado, neutro da realidade brasileira e mundial, pelo contrário, é convidado como subespaço “a participar de trocas no nível mundial”. (SANTOS, 2009, p.53).

Muitas vezes vai se apresentar até mais dinâmico, que muitos municípios de igual porte ou maior, mostrando laços fortes com outros espaços, pois cada lugar, por mais longínquo que seja, torna se único, no mundo globalizado, por meio das técnicas e do tempo, mundializados (SANTOS, 2008).

Assim, como ressalta Milton Santos (2008, p.10), “[...] mesmo o pensamento mais humilde aparece como uma preparação da experiência, busca, no mundo científico, uma verificação”. Partindo do pensamento de Milton Santos e da caracterização do município de Esperança, dentro da atual dinâmica social, técnica espacial que esse espaço urbano vem passando verifica-se como ocorreram e ocorrem as transformações no centro urbano de esperança.

Desta forma, constata-se que o município se inscreve nos processos e técnicas² que modifica, impulsionam o crescimento do espaço urbano do município de Esperança com os elementos necessários à organização da vida em sociedade. Assim, o centro urbano de esperança, como qualquer outro espaço geográfico passou e passa pela a ação antrópica através do “modelo de vida adotado pela Humanidade” (SANTOS, 2008, p.17). Deste modo, ressalta Milton Santos.

No começo dos tempos históricos, cada grupo humano construía seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar do seu pedaço de natureza os elementos indispensáveis à sua própria sobrevivência. Organizando a produção, organizava a vida social e organizava o espaço, na medida de suas próprias forças, necessidades e desejos. A cada um modelo particular. Pouco a pouco esse esquema se foi desfazendo: as necessidades de comércio entre coletividades introduziram nexos novos, e também desejos e necessidades, e a organização da sociedade e do espaço tinha de se fazer segundo parâmetros estranhos às necessidades íntima ao grupo (SANTOS, 2008, p.17-18).

Na formação do espaço geográfico considera-se o refluxo da sociedade que o habita, pois os espaços se transformam, também, com as relações sociais no decorrer de sua história.

3.1 Pressupostos técnicos e dinâmicos da configuração do centro de Esperança.

O centro de Esperança configura-se num primeiro momento histórico por sua posição geográfica sendo agraciado com a construção da BR 104 cortando seu centro urbano, tal fato ter sido uma condição para seu desenvolvimento, entretanto, que no decorrer do tempo vai-se somar outros fatos de expressão para o crescimento do mesmo, como as agências bancárias, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, a agência do INSS, concentrando esses serviços das cidades circunvizinhas na microrregião de Esperança.

Em outro dado momento, tem-se o impulso do desenvolvimento dado pelas características espaciais de construções com médias e baixas edificações, mas com indicativos de boas condições de valorização desse espaço, que vem se configurando nos últimos dez anos. Assim, tem se uma substituição de residências por empresas no

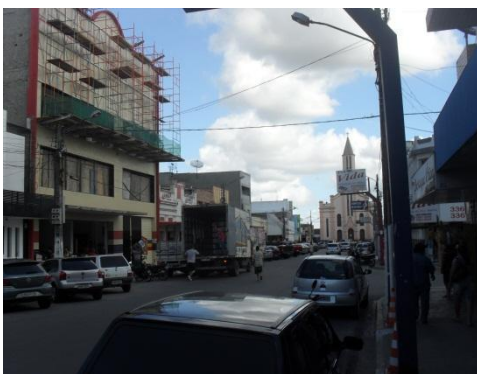
² “Essas técnicas se efetivam em relações concretas, relações materiais ou não, que presidem a elas, o que nos conduz sem dificuldade à noção de modo de produção e de relações de produção” (SANTOS, 2008, p.57).

centro da cidade, que muitas vezes demolem-se as antigas edificações para construir novas edificações, pois essa paisagem das edificações do centro urbano de Esperança torna-se parte desse espaço com a montagem das antigas com as novas construções constituindo-se em um arcabouço da produção e reprodução do espaço.

Como afirma (SANTOS, 2008, p.62). “[...] o espaço, do qual um dos componentes, a paisagem, é como um palimpsesto, isto é, o resultado de acumulação na qual algumas construções permanecem, intactas ou modificadas.” E em consequência, as áreas das imediações e do entorno do centro também entra nessa relação de reprodução do espaço. Na análise dessas áreas não deter-se este trabalho.

De tal modo, a valorização das edificações do centro urbano de esperança culmina com o período de valorização imobiliária que ocorre no país e, se enquadra no mundo globalizado, em que se assemelha em pontos convergentes tendendo para uma homogeneização, como afirma (KLINK, 2001, p.16), “Num mundo onde as preferências se tornaram cada vez mais homogêneas, as cidades se tornarão também cada vez mais semelhantes e homogêneas”.

Todo desenvolvimento e valorização do centro de Esperança têm como principais agentes as empresas de materiais de construção, que tornaram se empresas conhecidas na região Nordeste do país e, assim, captadoras de capital para o município, como também há uma íntima ligação com outros agentes de influências preponderantes no processo de produção do espaço urbano.



Centro de esperança PB. Foto: Pedro Carlos (2011)



centro de Esperança PB. Foto: Pedro Carlos (2011)

Um desses outros agentes, por exemplo, pode se citar, o poder público local, que muitas vezes mostra-se favorecedor e criador de atrativos para formação desse espaço urbano conglomerando coalizões locais para o desenvolvimento local. (KLINK, 2001).

Assim, a produtividade do espaço³ urbano do centro esperança se dar por um conjunto de diferentes objetivos entre si, assim, produzindo, recriando o espaço que se mostrou e mostra mais receptivo aos processos de regulação da globalização. Guiados pelos fluxos horizontais e verticais⁴, que outras cidades circunvizinhas. (SANTOS, 2008).

Outro fato que compõe a dinâmica da produção do espaço urbano do centro de esperança, é o fato de que esse espaço, no momento atual, tem atraído empresas para o município, principalmente, do ramo de móveis e eletrodomésticos, como também de confecção e calçados, farmacêutico e consultórios de saúde especializados entre outras.

Tudo isso é o que possibilita a expansão, o desenvolvimento econômico e o crescimento espacial desse espaço, pois é em função do conjunto de técnicas existente na produção do espaço que se viabiliza o seu desenvolvimento. Outro fato, preponderante, nessa investigação é que todas essas técnicas que transformam, dinamizam, impulsionam o centro urbano de Esperança para seu desenvolvimento, tem acarretado um fenômeno inverso, como verifica-se por exemplo com algumas empresas, como distribuidora de alimentos, de materiais de construção e madeireira estarem saindo desse espaço central para os arredores da cidade.

O que se pode inferir a esse fenômeno, é que devido o tipo de mercadoria que as comercializam e com a valorização do espaço central, assim, conseqüentemente, uma forte procura de localizações por outras empresas de serviços e produtos mais refinados e a elevação dos preços dos imóveis tem ocasionado esse fenômeno. Sendo que, apenas as empresas que depende da localização nesse espaço por ali estarem a clientela, é que ficam no centro, enquanto, as outras empresas que independem de estarem perto dessa clientela se instalam em áreas afastadas do centro. (CORRÊA, 2005).

Todos esses fatos são um conjunto de técnicas que servem de instrumento na produção, na organização do espaço capitalista, que configura o espaço urbano do centro de Esperança, em que as técnicas se incorporam no processo de produtividade do mesmo no decorrer do tempo, Santos (2008), assim resultando na produção e reprodução do espaço atual.

³ Conceito que se aplica a um lugar a respeito de suas atividades (SANTOS, 2008).

⁴ “As horizontalidades são o alicerce de todos os cotidianos, isto é, do cotidiano de todos (indivíduos, coletividades, firmas instituições) [...] por sua associação e complementaridades [...] territorialmente partilhados”. “As verticalidades agrupam áreas ou pontos a serviços de atores hegemônicos não raro distantes”. (SANTOS, 2008, p.50-51).

Fica evidente que ao considerarem-se os agentes e os processos de produção do espaço geográfico do centro de esperança, não se pretende explorar todos os elementos que a compõem, pois a noção de espaço considerada é relativa, depende do corte, das escolhas de objetos, ou seja, “a totalidade concreta não é um método para captar e exaurir todos os aspectos, caracteres, propriedades, relações e processos das realidades; é a teoria da realidade como totalidade concreta” (KOSIK, 1976, p.72).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Abordar a categoria espaço implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de espaço geográfico, de espaço urbano no pensamento geográfico. Pois, se observa que pode-se abordar esse conceito de vários pontos teóricos e metodológicos, mas partindo se de forças especificamente locais de um espaço com suas características próprias e, com certeza, por maior esforço teórico que se fez, seria impossível buscar explicações absolutas, analisando apenas as forças de alguns agentes que promovem e dinamizam a produção e reprodução num espaço tão complexo como o centro urbano de esperança.

Nesse contexto, o centro urbano de Esperança constitui um conjunto de técnicas que impulsionam, que modificam o mesmo, concentrando alguns modos de produção e serviços que outros espaços urbanos circunvizinhos não as detêm , assim, tornando-se um polo regional-local. Acredita-se que o espaço urbano é produto, sobretudo no vetor da perspectiva da produção capitalista e dos objetos geográficos, de uma composição de elementos físicos e de ações que vai compondo suas paisagens, numa permanente transformação e reorganização do espaço da sociedade que o habita. Cabendo a cada momento da sua história e com os fluxos desse conjunto de elementos a reprodução do espaço.

Tais transformações tendo início em momentos antigos e veio se reproduzindo de forma lenta, para chegar os processos de hoje, o qual entende-se hoje por espaço urbano, notadamente, o crescimento que esses fenômenos modernos têm ocasionados no e para o desenvolvimento local. Ressalta-se que tem uma relação, uma ligação forte com o espaço mundial. Desta forma, veem-se a formação dos espaços urbanos numa escala de relações externas com internas constituindo um espaço que tende a se tronar integralmente global. Mas mesmo assim, o espaço geográfico não perde o local.

Portanto, as relações local/mundial estão presentes na tendência da produção dos espaços urbanos, em que fazem interações entre si, de tal modo, que quando se está

inserido num deles significa está inserido num espaço maior o espaço global, formado por esses subespaços. Assim, o espaço urbano é um lugar que um conjunto de elementos, técnicas, ações, as relações no decorrer do tempo produz e reproduz um determinado espaço.

Desta maneira, fica evidente a importância da pesquisa do espaço urbano e que esse trabalho tenha contribuído e sirva de pressuposto para futuros trabalhos interessados em pesquisarem a categoria espaço urbano e suas relações de produção e reprodução.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Manuel Correia de. **Poder político e produção do espaço**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Massangana, 1984.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2010.

_____ **O Espaço Urbano**. São Paulo. Ática, Série Princípios, 1995.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

KLINK, Jeroen Johhannes. **A cidade-região: regionalismo e reestruturação no Grande ABC Paulista**. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: UNESP, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo, UNESP, 2009.

_____ **Técnica, Espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo, UNESP, 2008.

_____ **Manual de Geografia Urbana.** São Paulo, UNESP, 2008.

VITTE, Antonio Carlos. **Contribuições à história e à epistemologia da geografia.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

Dados históricos. Disponível em: <www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

Acessado em 04 de Nov. de 2011

Mapa da Paraíba. Disponível em: <historiadaparaiba.blogspot.com> Acessado em: 18 de Nov. de 2011